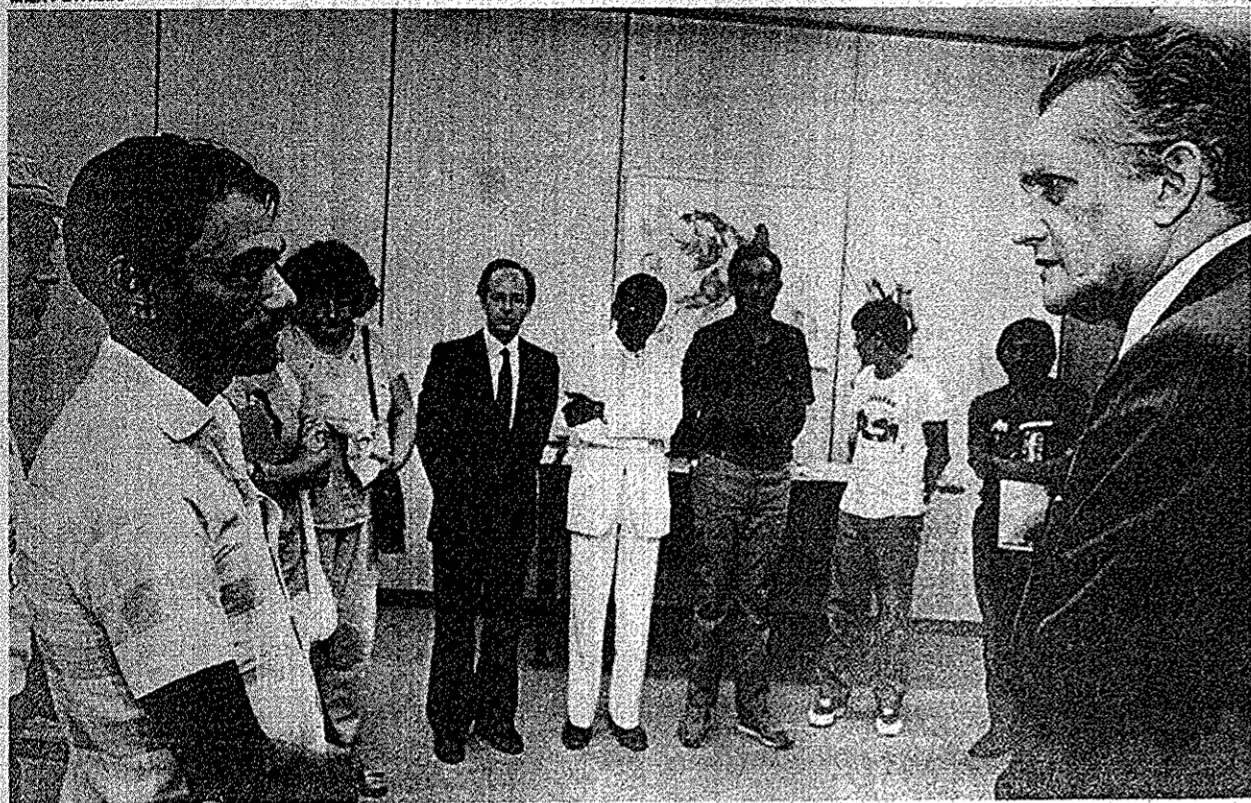


Seringueiros e índios se unem para salvar mata

E cobram providências federais, alertando que florestas podem acabar nos próximos cinco anos

MLA PETRILLO



O ministro da Cultura ouviu as denúncias de que a Amazônia está sendo devastada

ANALÚCIA GUIMARÃES
Da Editora Nacional

“Há mais de um século temos vontade de mostrar o retrato do Brasil a todos os brasileiros. Tínhamos antes a impressão que o Brasil se dividia em latifúndios que eram distribuídos entre os filhos e nós éramos seus escravos. Mas percebemos depois que nós também somos filhos...” (presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros-CNS, Jaime Araújo).

Querendo provar a verdade deste pensamento é que seringueiros e índios — unidos pela primeira vez — estiveram em Brasília para contar e cobrar pessoalmente uma maior participação nos projetos e decisões relacionados com a região amazônica. Eles denunciaram principalmente o desmatamento que acontece hoje na região entre o sul de Rondônia e o Acre e alertam que, se o ritmo continuar sendo o atual, os dois estados ficarão sem suas florestas em menos de cinco anos.

A principal razão da ligação CNS e União das Nações Indígenas (UNI) Norte (representando aproximadamente 14 povos indígenas) é a defesa da floresta amazônica — ambiente fundamental e comum à sobrevivência de ambos — e ainda a defesa da principal atividade econômica da região: o trabalho nas seringueiras.

Da peregrinação no Planalto Central poucas ações concretas foram conseguidas; contudo, muitas promessas foram feitas. Os representantes das entidades de seringueiros e índios divulgaram também fotografias analisadas, feitas através de satélite e doadas pela Nasa (Estados Unidos), onde está registrado o ritmo do desmatamento nos estados de Rondônia e Acre. A fotografia de Rondônia em 1982 mostra cerca de um milhão de hectares de sua área sem as florestas. Já em 1985, o desmatamento atingiu 2,7 milhões de hectares, representando 4 e 11 por cento do território respectivamente.

— O presidente do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Jaime da Costa Santiago, disse aos representantes das entidades que será “rígido e não vai poupar ninguém” na solução de um problema que aconteceu há três anos atrás no seringal Carmem, município de Brasília, Acre, quando foi disseminado com avião forte herbicida que matou inclusive homens e crianças. A região foi esvaziada e sobressa da liberação de Cz\$ 20 milhões para auxílio dos habitantes da região. Até hoje ninguém tem notícia do dinheiro.

Ministro promete descongelar

Os representantes do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) e da União das Nações Indígenas do Norte (UNI/Norte) começam hoje a deixar Brasília. De volta de tão longa viagem, depois de manterem contato pessoal com os diversos órgãos federais relacionados de alguma maneira com a questão amazônica, eles levam muitas promessas. Entre elas:

— O ministro da Indústria e do Comércio, José Hugo Castelo Branco, garantiu aos seringueiros que o preço da borracha não ficará congelado por muito mais tempo. Hoje o preço de venda está entre Cz\$ 6 a Cz\$ 12 o quilo, sendo que anteriormente já chegou a ser vendida a mais de Cz\$ 15. Também ficou acertado que o Governo comprará a produção de borracha diretamente do seringueiro através de órgãos como a Sudhevea e Cobal.

— O presidente do Incra, Ruben Ilgenfritz, se comprometeu a criar um grupo de estudos — com a participação de um representante dos seringueiros — para estudar a proposta da categoria de exploração através de reservas extrativistas na Amazônia. Somente no Plano Regional de Reforma Agrária do Acre é mencionada a realidade dos seringueiros, mesmo assim de maneira vaga.

— Ficou garantida uma vaga na comissão consultiva do Conselho Nacional da Borracha, órgão responsável pela política da borracha em todo o País. A comissão é coordenada pela Sudhevea e assessora as ações do Conselho.

— Ficou acertada a presença dos seringueiros em um grupo de trabalho na Sudhevea que discute a comercialização, abastecimento e beneficiamento (através de miniusinas) da borracha. Os seringueiros reivindicam miniusinas distribuídas por toda a Amazônia visando não só melhor qualidade da borracha como produto final como também melhor preço.

— O Ministério da Cultura se comprometeu a analisar o tombamento do Vale do Guaporé, em Rondônia. A região é um retrato fiel da floresta amazônica, costumes e cultura indígena ainda intactas e está ameaçada de desmatamento já que a BR-429 (ligando Porto Velho a Guaporé) avança em sua direção.

— Ficou acertado o compromisso de indenizar as benfeitorias dos seringueiros que se localizam em áreas delimitadas como reservas indígenas. Normalmente os seringueiros são colocados para fora da área e não recebem qualquer apoio para sua sobrevivência. A reivindicação é encampada pela UNI/Norte.

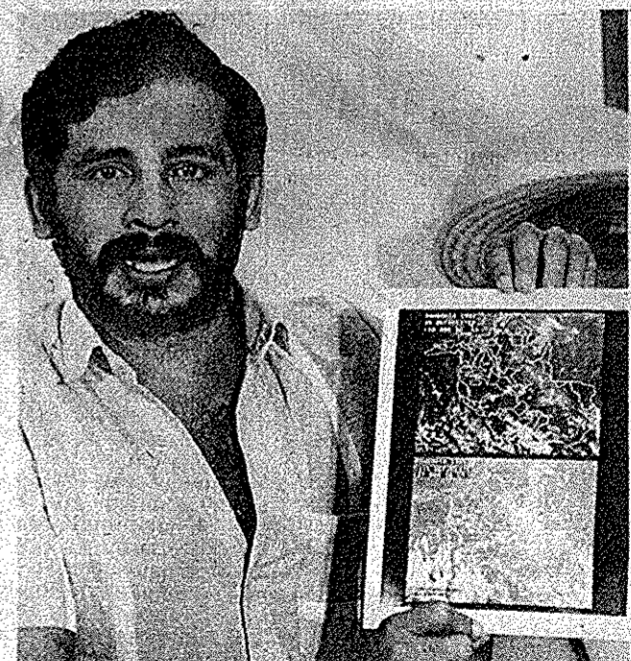
“Guerra sem sangue” por terras

Os depoimentos dos habitantes da floresta — como eles mesmo se intitulam — mostram aspectos fora do conhecimento da maioria dos brasileiros que moram nos centros urbanos. Além da rica história de culturas basicamente originadas a partir dos índios, a vida desses habitantes está repleta de consequências das decisões tomadas em lugares muito distantes de lá. Consequências, quase sempre, nocivas às suas vidas.

O início da entrega de terras da Amazônia a grande latifundiários remonta 1970, segundo o Conselho Nacional de Seringueiros (CNS), e desde então teve início a “verdadeira guerra sem sangue”, como conta o secretário do CNS, Osmarino Amâncio Rodrigues. Os primeiros inimigos foram os seringalistas (donos dos seringais) que exploravam a mão-de-obra em regime parecido com o da escravidão.

“Quando a gente chegava do trabalho, víamos nossas casas queimadas, nossas mulheres nuas pela mata. A gente denunciava de um lado para o outro mas ninguém ouvia”, lembra Osmarino. De 1973 a 1974 iniciaram-se os trabalhos voltados para a organização sindical dos beneficiários pela borracha na região sul-amazônica. E a partir de 1975 os sindicatos marcam presença na defesa dos direitos dos trabalhadores.

Antes mesmo de denunciar o genocídio da mata e a expulsão de trabalhadores para outras regiões — como os quase 15 mil seringueiros que habitam hoje a Bolívia — a defesa era feita cara-a-cara. Muitos dos pedes que fazem a derrubada de árvores são antigos seringueiros que, depois de tentarem viver em centros urbanos, voltam às florestas para trabalhar para os fazendeiros que oferecem salários mais compensadores.



Osmarino mostra provas da devastação em Rondônia

“Muitas vezes a gente conversa com estes pedes e conseguimos parar a derrubada. E o que chamamos empate — o embargo da derrubada — que a gente se organiza e faz nos mais variados lugares. É a forma que encontramos para evitar que a floresta caia”, conta Raimundo de Barros, tesoureiro do CNS. Mas logo depois que o objetivo dos seringueiros é aparentemente obtido vem a repressão, a maioria das vezes policial. “Nunca faltou apoio dos governos estaduais e quem sabe até federais para o processo de desmatamento na Amazônia”, denuncia.

condições de aumentar a produção de borracha.

Como primeiro passo na vitória da defesa da Amazônia está a aliança entre seringueiros e índios, acredita Francisco, que exigem ser reconhecidos enquanto categoria profissional. “Hoje nós também vivemos do extrativismo da borracha e chegamos a produzir mais de 80 toneladas”, comenta o jaminal José Correia, coordenador da União das Nações Indígenas (UNI/Norte). “Também ajudamos na economia de nosso estado. Aquela preceito de que o índio é preguiçoso não é verdade”.

A intenção dos trabalhadores da borracha, seringueiros e índios, é que suas famílias, filhos e netos possam continuar habitando a floresta com condições de sobrevivência. Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri-Acre, Francisco Mendes Filho, tanto Rondônia como o Acre possuem

José Correia conta que até hoje existem cerca de 15 índios de idade avançada pertencentes ao Grupo Caxi, no município de Taruacá, no Acre, que possuem ainda marcas em seus corpos com as iniciais do antigo proprietário da terra na qual habitam (FC-Felizardo Cerqueira).